

ESTUDOS DA LITERATURA ORAL

Da performance como expressão de um novo paradigma

Teresa Manjate

Centro de Estudos Africanos/Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

O presente artigo discute a deslocação do eixo exegético no estudo da literatura oral, em geral e, do provérbio, em particular. Pretende-se, pois, resgatar aspectos e factores negligenciados no processo de reflexão, no campo da Paremiologia moderna. A trajetória desta disciplina desde os primeiros folcloristas do século XIX e do século XX até aos nossos dias permite perceber a contribuição de várias disciplinas bem como a consagração de novas disciplinas e de inscrição de novos modelos de abordagem, com base na configuração e vida próprias em que os textos assentam: a voz, o corpo, o conhecimento e os processos de criação e de actualização.

Os provérbios presentes no artigo foram retirados de colectâneas de Junod, os assinalados com JND³⁹ e, de Padre Armado Ribeiro, os assinalados com PAR⁴⁰. Assim, a ortografia pode parecer dispersa em virtude de, na época não haver ainda uma padronização da escrita das línguas bantu, em Moçambique. Os provérbios JND têm tradução em duas línguas, sendo a em inglês da responsabilidade de Junod e a em português da nossa.

Introdução

A Literatura Oral, no geral e, a Paremiologia moderna - o estudo de provérbios, em particular, assenta em múltiplas linhas de pesquisa, estudos que marcam e consolidam o perfil da disciplina.

³⁹ JUNOD, Henri Philippe (1978) *Vutlhari bya Vatsonga (Machangana) / The Wisdom of the Tsonga-Shangana People*, 3rd Edition, Braamfontein: Sasavona Books.

⁴⁰ RIBEIRO, Padre Armando (1989) *601 Provérbios Changanas*, 2a Edição, Lisboa: Silvas.

Das várias abordagens, a que vigorou até aos nossos dias, de forma continuada e sistemática, é a que defende que os provérbios são textos estáticos, isto é, não se alteram ao longo das repetidas performances ou actualizações que os vivificam.

Estudos elaborados em diferentes áreas, monográficos e comparativos, a nível semântico, estrutural, funcional, entre outras, foram engrossando o leque de alternativas de leitura e de crítica de textos proverbiais. Isto é, diferentes perspectivas e teorias propulsionaram visões e pilares de estruturação e desenvolvimento da disciplina.

Tradicionalmente, define-se provérbio como sentença lapidar e concisa que o uso popularizou e consagrou. Ao contrário do aforismo, apotegma e máxima, textos breves que correspondem a ditos memoráveis de personagens ilustres, e que por isso mesmo possuem um autor reconhecido, os provérbios circulam oralmente e como textos anónimos.

Muitas vezes utilizam-se, em português, outros termos sinónimos ou parassinónimos do termo provérbio, nomeadamente 'adágio', 'rifão', 'ditado' e 'anexim'. Note-se aqui a dificuldade de definir claramente cada um destes termos pois, na prática, confundem-se frequentemente. Assim, com a intenção de evitar definições circulares, pouco precisas e improdutivas de demarcação de limites de cada uma das designações ou variantes usadas em dicionários e propostas por alguns paremiologistas, optamos, nos nossos trabalhos, exclusivamente pelo termo provérbio.

Taylor (1931), nome consagrado na área dos estudos paremiológicos, aponta como traço característico do provérbio o facto de se bastar a si próprio, isto é, de poder funcionar como enunciado completo num acto de comunicação. Este tem sempre um valor semântico autónomo em termos comunicativos, ao contrário das expressões idiomáticas que são apenas constituintes de frase e nunca podem ocorrer como enunciados completos.

Das abordagens e definições do provérbio, ressalta uma visão algo contraditória. Por um lado, defende-se a fixidez, o carácter "fossilizado" anunciados particularmente pelos folcloristas do século XIX e por alguns

estudiosos do século XX, de que são exemplos Nstanwisi (1968) e Calvet (1984). Por outro, prognostica-se a produtividade e flexibilidade, facto inerente aos textos orais, particularmente do provérbio por dependerem de uma performance ou actualização (Taylor, 1931), (Arora, (1995), KWESI, Yankah (1995), Manjate, (2009).

Esta visão paradoxal convida-nos a redimensionar a abordagem da Literatura Oral, no geral e, do provérbio, em particular, tendo em conta que a sua forma de realização (oral) depende de uma performance ou actualização, facto que insta a valorização dos sujeitos e a suas competências linguísticas e culturais.

Das poucas obras paremiográficas, de colectâneas de provérbios, registam-se textos que se reconhecem pela estrutura, mas que apresentam entradas referenciais (símbolos) diferentes. No entanto, esses textos asseguram transmissão de mensagens contendo valores comuns, que a comunidade, regra geral, reconhece e reproduz.

(1) Minkuku mimbirhri a yi yimbi nkahri wun'we. (JND)

Two cocks do not crow at the same time.

Dois galos não cantam ao mesmo tempo.

(2) Ti kuku timbiri a ti tshami mbangu wun'we. (JND)

Two cocks cannot stay in the same chicken room.

Two cocks cannot stay in the same pen.

Dois galos não ficam na mesma capoeira.

(3) Tinghala timbiri ta chavana. (PAR)

Dois leões temem-se.

(4) Tinghala timbiri ti chavana hi mabvele. (JND)

Two lions fear each other.

Dois leões respeitam-se. (Dois leões têm medo um do outro).

(5) A tikuzi timbiri ta tivuwu a ti tshami tiba gin'we. (PAR/JND)

Two male hippos do not stay in the same pound.

Dois hipopótamos machos não ficam no mesmo fundão.

(6) Maduna mabirhi a ma tshami xibaleni xiñwe. (PAR)

Dois touros não podem ficar no mesmo curral.

Estes provérbios espelham o mesmo valor, a partir de símbolos diferentes. A competência linguística e cultural dos falantes permite criar composições diferentes para projectar a ideia da autonomia e da independência de um poder masculino. A força física, a autonomia, o poder unitário são ideias exploradas, nestes casos, através da representação do confronto (A em confronto com A') que pode projectar a ideia de autoridade nas mais diversas feições, desde força política à psicológica, não excluindo a económica, que se reverte em soberania, autonomia e independência entre outras formas que legitimam o exercício de autoridade. Explora-se, pois, o princípio *um sujeito - uma força - um espaço - uma voz*, com as consequências que podem advir do não cumprimento ou respeito da mesma, tais como animosidades e conflitos, perda de autoridade e consequentemente obediência, num sentido que se podem distender à submissão e servilismo. O fenómeno das relações de comando e obediência não se esgota no facto político. As probabilidades de impor a outrem a própria vontade alcançam todos os sectores da vida colectiva. Neste caso, a marca de autoridade, controle até mesmo domínio pode ser ajustado a várias esferas da vida comunitária: família, povoação, arena económica, entre outras.

Estes textos proverbiais são usados normalmente para referir a incompatibilidade da presença de duas figuras masculinas, poderosas, num mesmo espaço ou território. Inscrevem unitarismo e individualismo, através da negação ou da referência à incompatibilidade de duas figuras poderosas, masculinas, com igual autoridade e competências, dentro de um mesmo espaço. São também conhecidos em outros universos linguístico-culturais, mais concretamente entre os shonas (Zimbabué, Chimundo: 1995), na Finlândia e entre os Ovambu (Angola, Namíbia), como nos diz Maati Kuusi. "...⁴¹in Finland, *With us, there is no room for two cockerels on the same dung-heap*, while in Ovamboland *two elephants cannot fit into the*

⁴¹ Porque é que partes do mesmo texto ficaram sem itálico?

same bush's shadow.” Kuusi (1970), no seu artigo “The place of a Woman in the Proverb of Finland and Ovamboland”, explorando relações de género e expressões de alteridade, “impression of otherness”, aponta para a ideia de unicidade de espaço para uma figura masculina, implicando forças como autoridade e poder.

O número de dois, “aparentemente monossémico, pode significar realmente um par de elementos, mas, simbolicamente pode sugerir simplesmente mais de um, dois, três.... (...) Os numerais e os números aparentemente monossémicos projectam uma pluralidade assertiva dos textos. Os especificadores, numerais sugerem simultaneamente uma singularidade e uma pluralidade” (Manjate:2000: 72).

Nestes provérbios e similares, explora-se a ideia de equiparação de forças, fazendo valer a ideia de poder unitário, muito recuperado por ideologias autocráticas, como justificativa de defesa de poderes totalitários. (Manjate: 2003; Chimundo: 1995)

A mensagem do texto proverbial justifica a relutância na aceitação de duas forças políticas num mesmo território. No entanto, provérbios há que, ao lado destes conteúdos mais radicais, procuram contornar linhas de convívio mais rígidas, através da inferência de uma negociação implícita.

No provérbio (1) está subjacente a ideia da presença de dois galos na mesma capoeira, salvaguardando-se, no entanto, o princípio do respeito, através do acto de afirmação manifesto pelo *cantar*, uso da voz, em última instância, expressão verbal, como forma de realização de autoridade, de forma regulada.

Está inscrito nos provérbios a ideia de poder e de autoridade. O poder também é ordem. A prescrição da restrição da presença (não podem partilhar, conviver) de dois galos/touros/hipopótamos no mesmo espaço inscreve uma ordem que deve ser observada. No campo das relações sociais inscreve um princípio a ser observado. Corresponderá a observância e respeito de estatutos e hierarquias.

“*Não cantar ao mesmo tempo*” inscreve igualmente ordem numa outra dimensão, que antevê a presença de dois poderes num mesmo espaço, prescrevendo, no

entanto, uma norma reguladora. Segundo os preceitos Tsonga, dentro do quadro orgânico e estrutural (ndango, tiko) o filho, na presença do pai, cala-se.

Ao mesmo tempo que os conteúdos textuais revelam uma observação sistemática dos fenómenos naturais e sociais, também assumem um valor apreciativo: é bom/é mau. Como consequência instauram também um valor prescritivo: é assim que deve ser. Estabelece-se um princípio a ser respeitado pela comunidade: “... *cada galo na sua capoeira*”, “...*cada hipopótamo no seu fundão*”, ou “...*cada touro no seu curral*”, como norma a ser respeitada de forma a se evitar clivagens e conflitos. Naturalizam-se relações humanas, tomando como analogia o mundo animal.

Parece haver uma homologia entre o poder unitário e masculinidade. As referências à restrição ou “proibição” da presença de dois galos, hipopótamos ou touros no mesmo espaço deixam margem para pensar que o feminino não faz parte da estrutura imediata da eminência de conflito apresentado. O feminino pode ser causa de conflito, mas não o agente de conflito. Assim podemos não só associar à esfera pública e política – dois chefes, dois reis, dois presidentes – mas também a de gestão do universo doméstico – dois maridos. Poder-se-á associar à ideia de poligamia, prática comum no universo tradicional Tsonga. Um homem pode ter como parte do seu universo de autoridade mais de uma mulher e os respectivos filhos. Esta mesma tradição rejeita e condena veementemente a prática inversa, da poliandria ou adultério do feminino. Metaforicamente, o número de esposas, “de galinhas na capoeira”, constitui valor positivo, contrastando com o número de presenças masculinas, que se pode traduzir em proibição, um anti-valor. Os filhos varões, quando atingem a idade adulta, formam as suas próprias famílias – dentro ou fora da *muti* ou povoação - onde a sua autoridade é autónoma, reconhecida e respeitada.

Existem nas chefias Tsonga, sub-chefias ligadas aos segmentos de linhagem, numa bifurcação entre irmãos (os mais velhos e os mais novos, sendo a linhagem do irmão mais novo hierarquicamente inferior à do mais velhos (Landin: 1995: 13). Normalmente os núcleos comunitários estão coesos em torno dos seus chefes, em conformidade com as hierarquias estabelecidas.

Em alguns casos, apesar de usarem de forma recorrente os mesmos símbolos, inscrevem uma mensagem diferente.

(7) Sinza gin'we agivume (JND)

Uma só pulseira não tilinta (som agradável).

Uma mulher só não faz família. (a favor da poligamia)

(8) Sinza totala tihamba guwa (PAR)

Muitas pulseiras fazem barulho (som desagradável)

Muitas mulheres são fonte de conflito. (contra a poligamia)

Os provérbios (7) e (8) revelam uma mudança de valores. Os dois referem-se ao casamento poligâmico: o primeiro insta a sua prática. Para que haja música, é necessário que haja mais que uma mulher. O segundo rejeita tal prática, sugestão dada através do som/música que produzem – barulho, isto é, conflito.

As leituras ora apresentadas sugerem uma enunciação dinâmica e, por conseguinte, uma leitura do fenómeno também dinâmico, isto é, contrapondo as teses que inscrevem os textos numa esfera estática e que os toma como “fossilizados”.

Para uma abordagem dinâmica no estudo dos provérbios

O alargamento das visões interpretativas da literatura oral, no geral e, da Paremiologia, em particular, deve-se também à consciência e à valorização da performance, isto é, da interacção de sujeitos e da expressão de conhecimento. As pesquisas elaboradas pela sociolinguística, sobretudo a partir dos anos '70 (Gottingen 1998)⁴², concentradas na comunicação viva, têm colaborado para a percepção cada vez mais sólida da dinâmica da comunicação no geral, incluindo a literatura oral. Esta perspectiva concentra-se nos textos orais, sem deixar de prestar atenção aos sujeitos intervenientes no acto de comunicação e aos contextos situacionais envolventes.

⁴² Reports from the XIIth Congress of International Society for Folk Narrative Research, Gottingen, 1998.

Paul Zumthor, em *Introduction a la Poésie Orale* (1977), exprime uma inquietação, deveras justa, ao afirmar que “É estranho que no conjunto das várias disciplinas instituídas não exista ainda uma ciência da voz (...) . Tal ciência forneceria ao estudo da poesia oral o suporte teórico que lhe falta”. Esta afirmação de Zumthor, se por um lado sublinha a especificidade da literatura oral através de um elemento fundamental - a voz - por outro, traz à luz uma proposta de debate: a necessidade de uma teoria particular das oralidades. Esta constatação de Zumthor ajusta-se à visão de estudiosos que devolvem para os interlocutores, *hic et nunc*, o traço mais marcante para a definição e actualização dos textos orais.

No início do século XX, o paremiólogo Archer Taylor, em *The Proverb* (1931), obra que se tornou referência paradigmática para o estudo da Paremiologia moderna, na sua definição de provérbio, adianta que uma qualidade ou característica particular permite ao falante “decidir” se um texto é um provérbio ou não, deixando, portanto, em aberto o *corpus* paremiográfico, isto é, a possibilidade de criação/aceitação de novos textos.

Nota-se nesta passagem que se transferem competências particulares aos falantes de uma língua de poderem decidir, a partir de um conhecimento que detêm, se um texto é ou não proverbial.

Mais adiante, Taylor (1931:35) conclui que “...*the acceptance or rejection by tradition which follows immediately upon the creation of a proverb is a factor in its making quite important as the first act of invention*”. Por outras palavras, Taylor propõe a exploração de processos de criação ou formação de tradições, através, no caso vertente, de sucessivas actualizações. Inscreve-se, deste modo, uma postura dinâmica que prevê novos provérbios, através de sucessivas tentativas de criação, de aceitação e cristalização, isto é, de aceitação ou de tradicionalização a que o provérbio se reserva.

Uma das afirmações mais notáveis, feitas nas pesquisas de folclore contemporâneo é a de Branislav Malinowsky, em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922), ao comparar a vivacidade e a riqueza da literatura oral com a imagem pálida da realidade que os textos registados oferecem. Os textos orais

relatadas e registadas sob a forma escrita apresentam preferencialmente os textos como versões únicas e fixas, enquanto na literatura oral os textos ganham vida a partir da materialização através da voz e do corpo humano, ao lado de outros factores, tais como os contextos em que são enunciados. A performance nasce, pois, de um contexto particular. Assim, é fundamental a reabilitação dos contextos em que os textos ganham vida e estrutura para uma cabal compreensão do seu sentido.

A este propósito, Ruth Finnegan (1976) afirma que:

Oral literature by definition depends on a performer who formulates in words on specific occasion – there is no way in which it can be realized as a literary product. (...) This is the significance of the actual performance. (...) There the connection between (oral) transmission and very existence is a much more intimate one, and questions about the means of actual communication are of the first importance. Without its oral realization and direct rendition by singer or speaker, an unwritten literary piece cannot easily be said to have any continued or independent existence at all. (...) The significance of the performance in oral literature goes beyond a matter of definition: for the nature of the performance itself can make an important contribution to the impact of the particular literary form being exhibited..

Sulunki e Miruka, em *Dictionary of Oral Literature* (1990) definem performance como “*The live presentation of oral literature (...) it includes words, movements and instrumental accompaniments*”. Ao que se pode acrescentar, para o caso particular dos provérbios, a entoação da voz, o contexto, o enquadramento da mensagem.

Segundo Richard Schechner (1974) a performance seja ela artística, desportiva ou de vida diária constitui-se numa ritualização de gestos e sons. Faz parte de um conjunto de comportamentos exercidos e gerados entre o jogo e o ritual no campo da comunicação. São memórias em acção e codificadas. O que quer dizer que obedecem a estratégias conhecidas e usadas como ardis no processo de interacção social.

A performance é, pois, um acto vivo e complexo pelo qual um texto poético simultaneamente é transmitido e recebido aqui *hic et nunc*. Constitui o momento crucial numa série de operações logicamente distintas que, no entanto, se realizam

simultaneamente: produção-enunciação, transmissão-recepção, enunciação-repetição-actualização-conservação (Manjate: 2000: 19). Ao que se acrescenta, numa visão renovada e enriquecida, criação-recriação. Esta série de operações justapostas, se por um lado desenha o perfil tradicional dos textos oralmente transmitidos de geração em geração, por outro inscreve uma actualidade, na perspectiva em que o novo se opõe ao velho, como factor de inovação ou de oportunidade realização, transformação ou transgressão.

Vejamos os provérbios abaixo, já apresentados anteriormente.

(7) Sinza gin'we agivume (JND)

Uma só pulseira não tilinta (som agradável).

Uma mulher só não faz família. (a favor da poligamia)

(8) Sinza totala tihamba guwa (PAR)

Muitas pulseiras fazem barulho (som desagradável)

Muitas mulheres são fonte de conflito. (contra a poligamia)

A partir de uma mesma estrutura (mono oracional), com o mesmo jogo simbólico (pulseiras), variando somente entre singular/plural, que poderiam ter um mesmo desfecho tilintar/não tilintar, projectam visões diferentes a partir do recurso a dois verbos representativos diversos: tilintar (som agradável, que se procura por sugestão; e fazer barulho, que se rejeita, por sugestão). A actualização de um suposto provérbio que se acredita que possa ser o primeiro, em virtude de, na cultura Tsonga tradicional a poligamia ser uma marca positiva, “degenerou” num outro, que a seu modo impõe que se recuperem as dinâmicas que envolvem, não só os enunciadores/informantes e pesquisadores, mas também os contextos em que se inscrevem as perspectivas assumidas e reflectidas nos textos, nas actualizações.

A performance surge, pois, como um acto que actualiza o texto, transpondo-o de um passado para um presente, num eixo de continuidade, de transformação ou transgressão. O contexto, factor complexo, permeia modos de invenção, de interpretação e reinterpretação permanentes. Este ciclo de vida dos textos orais impõe assim uma tensão entre contemporaneidades e assentimento que o texto e as textualidades buscam e inscrevem.

Segundo Okpewho (1990: 1), “*The text, of course is extremely important, but without the context it remains lifeless.*” No conjunto dos factores apresentados, primeiro por Malinowsky e, depois, por Okpewho, destacam-se um ajustamento apropriado do acto cultural e a feição pragmática da enunciação, através da motivação, das identidades do enunciador e da audiência ou interlocutor(es), sugerindo deste modo uma substituição da atitude e do tom abstraccionista, proposta pelos folcloristas da 1ª geração (do século XIX e inícios do século XX). Propõe-se, deste modo, que a linguagem humana deve ser estudada no contexto situacional em que ela é usada.

Esta visão profunda tem deveras antecedentes provenientes de diferentes disciplinas de ciências humanas e sociais. Eduardo Sapir em *Language: An Introduction to the Study of Speech* (1921/1939)⁴³ propõe que aos estudos linguísticos se devia dar mais atenção a aspectos sociológicos, antropológicos e psicológicos, pois estes intervêm no campo da comunicação verbal. Dell Hymes (1962/1974)⁴⁴ e Maurice Houis em *Anthropologie Linguistique de L’Afrique Noire* (1971) propõem estudos dinâmicos da linguagem, com o acento tónico na focalização dos estudos linguísticos no vasto sistema comportamental e cognitivo das comunidades, isto é, estudos que perspectivam a valorização do uso da linguagem em contextos específicos, vivos, diferentes. Estas visões ajustam-se às ideias propostas por Chomsky que favorecem o estudo da performance sobre a competência, revolucionando os focos de interesse tradicionais nos estudos linguísticos e, conseqüentemente, da literatura oral.

⁴³ “This book aims to give a certain perspective on the subject of language rather than to assemble facts about it. It has little to say of the ultimate psychological basis of speech and gives only enough of the actual descriptive or historical facts of particular languages to illustrate principles. Its main purpose is to show what I conceive language to be, what is its variability in place and time, and what are its relations to other fundamental human interests—the problem of thought, the nature of the historical process, race, culture, art.” Edward Sapir (1921/1939), *In Language: An Introduction to the Study of Speech* (Web site copyright © 2003-2008 Project Gutenberg Literary Archive Foundation — All Rights Reserved). O sublinhado é nosso.

⁴⁴ Hymes, D., “The Ethnography of Speaking”, pp.13-53 in Gladwin, T. & Sturtevant, W.C. (eds.), *Anthropology and Human Behavior*, The Anthropology Society of Washington, (Washington), 1962. Este autor sugere que:

Arewa e Dundes (1964) analisam provérbios na perspectiva contextual, sublinhando a importância de se registarem aspectos contextuais no estudo dos mesmos, segundo o método que eles evocam para tal, que é o sugerido por Hymes, e que propõe o desenvolvimento de uma etnografia da fala.

Ben Amos, em *Folklore: performance and communication* (1975) também põe acento tónico na abordagem contextual, chamando a atenção para possibilidades dinâmicas.

The contextual approach in folklore narrows the perspective of sociolinguistics somewhat, focusing not on the entire network of culturally defined communicative events, but upon those situations in which the relationship of performance obtains between speakers and listeners. It concentrates on those utterances which transform the roles of speakers and listeners to those of performer and audience.

A natureza desta transformação é uma das tarefas para a análise do processo comunicativo no contexto dos provérbios. A este respeito se pode dizer que a variação folclórica deve ser explicada por outros meios que não recorrendo à descensão hierárquica entre variantes de um postulado "texto base" que existe na mente dos falantes. O que se deve explorar é a variação "orgânica" a ser encontrada num corpus de performances documentadas. As variações ou actualizações manifestam-se através da expressão dos falantes, individualmente ou em grupo ou região socialmente coerente, ao vivo.

A exploração dos atributos da fala e de mudança de ilustração de um facto vivencial, ou a enunciação de um provérbio, a descrição ou análise destas performances inscrevem transformações à medida que os textos são proferidos e, por isso, constituem um dos objectos do estudo dos textos orais, particularmente dos provérbios, dentro de um contexto.

Parafraseando Bauman em *Verbal Art as Performance* (1977: 11), o modo de comunicação verbal oral consiste na assunção de responsabilidade de uma audiência para uma exibição de competência comunicativa. Esta competência recai sobre o conhecimento e habilidade de falar em formas socialmente apropriadas. O desempenho envolve, por parte do intérprete uma assunção de

responsabilidade para com o público para a forma como a comunicação é feita, indo além do seu conteúdo referencial. Do ponto de vista da audiência, o acto de expressão por parte do intérprete é, assim, marcado como objecto de avaliação para a forma como é feita, para a habilidade relativa e eficácia da exposição do performer, da sua competência. O desempenho, assim, chama especialmente a atenção e aumenta a consciência do acto de expressão e autoriza o público a considerar o acto de expressão e do intérprete com particular intensidade⁴⁵.

Em tais abordagens, segundo este autor, a manipulação formal das configurações linguísticas torna-se secundária em relação à natureza da performance por si, concebida e definida como um modo de comunicação.

Joel Sherzer (2002) a respeito da performance sugere uma ligação entre a língua, cultura, sociedade e expressão individual do seguinte modo:

“The study of speech play is relevant to ethnography in several ways. Play is often a cultural and linguistic theme, located in both grammar and culture. In fact, through testing, experimenting with, and sometimes creating the boundaries of appropriate behavior, it is often at the heart of intersections among language, culture, society, and individual expression. While there is always some play for play's sake, play often involves culture exploring and working out both its essence and the limits of its possibilities. In this view, language and culture and their interaction and intersection are dynamic, not static, and in flux, not fixed. The study of people's speech play gives us a glimpse of their coming to terms with their language and culture and is therefore a means of our coming to terms with their language and culture.”

Refere ainda violações no acto performativo que são aqueles em que os informantes têm de imitar para dar ao investigador uma imagem próxima do real a

⁴⁵ “...as a mode of spoken verbal communication [that] consists in the assumption of responsibility to an audience for a display of communicative competence. This competence rests on the knowledge and ability to speak in socially appropriate ways. Performance involves on the part of the performer an assumption of accountability to an audience for the way in which communication is carried out, above and beyond its referential content. From the point of view of the audience, the act of expression on the part of the performer is thus marked as subject to evaluation for the way it is done, for the relative skill and effectiveness of the performer's display of competence. Additionally, it is marked as available for the enhancement of experience, through the present enjoyment of the intrinsic qualities of the act of expression itself. Performance thus calls forth special attention to and heightened awareness of the act of expression and gives license to the audience to regard the act of expression and the performer with special intensity” (1977: 11).

estas violações que ele chama “optative performance” ou “creative manipulation”. A base desta observação implica que, embora haja espaço para uma cooperação entre as disciplinas no estudo da arte verbal oral, particularmente da performance, um modelo de uma área específica não é exactamente o mesmo que o modelo sociológico.

A exploração da performance e a visão das implicações desta valorização advêm da consciência da dinâmica social envolvida, desde os elementos mais materiais como interlocutores – performadores ou actualizadores e audiência – aos elementos mais subtis como o contexto, a memória, sentido de oportunidade, o estatuto e papel sociais dos factores em causa. Esta contribuição é valiosa na medida em que todos os factores são reapreciados. Assim, a reavaliação da vitalidade dos textos ganha uma nova dimensão. A ideia de que os textos são estáticos, por exemplo, a ideia ou exercício de busca de versões originais, suscita uma nova releitura. O factor humano, com todas as implicações que tal incursão impõe – com a cultura, relações sociais, tradição ou modernidade – a partir da revalorização da performance têm necessariamente que ser repensados.

Neste contexto, entram em linha de conta a actualização com implicações múltiplas: as vozes dos performadores são colocadas em relação com uma variedade de muitas outras vozes, internamente e através da intertextualidade de referências externas, como fonte, como contra-ponto e como uma face de histórias, ou simplesmente de uma história. O antigo e o actual tornam-se categorias não separadas, mas marcas correntes e recorrentes em debates culturais internos de qualquer grupo.

Os textos ditos *in praesentia* traduzem uma actualidade, numa tensão ou concatenação entre passado e presente de que os falantes não têm necessariamente consciência, e, mesmo tendo, não alteram a intenção comunicativa. No processo de construção e transmissão/ enunciação dos textos, as margens que os delimitam são substituídas pela noção constitutiva de textualidade (Furniss: 1990: 2).

Em *Perception of Proverbiality*, S. Arora (1995:2), analisando a perspectiva apresentada por Arewa e Dundes, sublinha a deslocação da percepção do provérbio

do falante para o ouvinte. Para esta autora *“The distinctive feature of this passage, in contrast to most descriptions of proverb use, is its emphasis on the listener rather than the speaker”*.

A identificação do provérbio pelo ouvinte é na verdade um processo multifacetado, que envolve primeiro a noção abstracta do género – provérbio,, o modo como ele se estrutura, o modo como é percebido cultural e etnicamente e, por último, o modo como ele se inscreve dentro de um quadro oportuno previamente estabelecido ou simplesmente inovador. A performance ganha, pois, contornos determinantes para a aceitação – concepção, formulação e consequente aceitação - do enunciado como proverbial.

Shirley Arora adianta a hipótese da existência de provérbios “não-tradicionais”. *“If a non-traditional saying is perceived by a hearer as a proverb, and therefore functions as a proverb, should it be considered a proverb by the investigator as well?”* Aqui coloca-se uma outra questão não menos pertinente: a barreira que muitas vezes se instala entre os falantes e os investigadores. O que é que o pesquisador procura? O abstracto (o que deveria ser) ou o concreto, (aquilo que os falantes usam e aceitam como seus provérbios?)

A valorização da performance como paradigma subscreve o carácter eminentemente social dos textos, ao mesmo tempo que recupera a dinâmica do processo comunicacional. A cumplicidade linguística e cultural dos interlocutores, partilha de informação e de conhecimento subjacente nos textos, materializa a comunicação em moldes de interacção que os contextos ditam, pondo em relevo três aspectos fundamentais: a competência linguística e cultural dos falantes (enunciadores e receptores dos textos), os contextos textuais e situacionais, sempre renovados e terceiro aspecto de fundamental importância, o carácter dinâmico da cultura e das línguas que se manifesta através da performance ou actualização dos textos. Esta realidade abre a possibilidade de que um falante, fazendo uso das suas competências culturais e linguísticas, criar novos textos dentro do quadro categorial que os ouvintes e, conseqüentemente, as comunidades aceitam.

Arora em *Perceptions of Proverbiality* ao transferir o eixo exegetico em torno do provérbio do enunciador para o ouvinte/receptor, sustenta que “*The success of a proverb performance as such depend ultimately on the listener’s ability to perceive that he or she is being addressed in traditional, i. e., proverbial terms. If the listener does not reach that conclusion, the performance of the proverb as a proverb must fail, although the speaker’s options, comments, etc., may have the desired effect for other reasons (1995: 2)*”. Ela recupera factores linguísticos e culturais que dão forma e estrutura à performance. Arora transfere assim o eixo para o ouvinte, na verdade, para a cumplicidade que se cria ou está criada através de factores linguísticos e culturais entre os sujeitos envolvidos no processo comunicativo.

Da performance como factor decisório no exercício exegetico no estudo do provérbio

As Asserções da Escola Finlandesa, de A. Taylor, de S. Arora e de Krikman, apesar de porem em causa traços definitórios anteriores, ao discutirem aspectos como ‘tradicionalidade’ e inflexibilidade, ressaltam outros aspectos como a repetição e a cristalização de formas e estruturas, que predispõem o emissor a criar e o ouvinte a aceitar ou a rejeitar o texto.

Textos proverbiais de uso popular e comum actualmente, em Moçambique, em conversas do dia-a-dia, nos órgãos de comunicação social, nos transportes públicos, nos mercados, etc. como:

O cabrito come onde está amarrado.

Capim grande, cabrito grande, capim pequeno, cabrito pequeno.

Quem não é cabrito não come.

Estes provérbios, relativamente novos no universo moçambicano, são popularmente conhecidos como referentes à corrupção, roubo ou comportamento irregular relativo a bens materiais.

Apesar da popularidade e aparente ‘tradicionalidade’, não fazem parte das colectâneas, várias, a que tivemos acesso. No entanto, a comunidade de falantes

em todo o país usa-os, significando, portanto, que são reconhecidos ou foram canonizados. Este é, com certeza, um exemplo vivo da perspectiva que defendemos, que assenta na abertura e flexibilidade linguística e cultural na criação ou invenção sustentada nas competências linguística e cultural e na capacidade produtiva e inventiva do homem.

A definição, estrutura, linguagem e função, como modos plurais de discernir o carácter e significação do provérbio foram deslocando os eixos de abordagem da linguagem textual, isolada do sujeito e algumas vezes do contexto, à aproximação destes de forma gradual, colocando a voz, a actualização, de forma complexa, num primeiro plano.

Na cadeia de transmissões que a *tradere* protege, estabeleceu-se, normalmente, como marca distintiva do texto oral o carácter anónimo dos mesmos. Porém, das reflexões em torno da performance ou actualização dos textos decorrem outros problemas, entre os quais, a forma como se encara ou se assume o locutor, o actualizador dos mesmos dos provérbios.

No acto de enunciação, o enunciador apropria-se do texto. Adapta-o de variadíssimas maneiras, explora possibilidades quase únicas, que fazem da actualização uma realização particular. Este processo de “apropriação” pode ser visto de duas maneiras: uma como adequação e outra como posse, no sentido em que o locutor assume o texto como seu. Derivado do verbo “apropriar”, pode significar, por um lado, tornar próprio ou adequado, adaptar, acomodar, e por outro, tornar próprio, tomar para si, apossar-se, acto que responsabiliza quem profere o provérbio. Que símbolos usa? Que recursos linguísticos usa? Que efeitos consegue no seu auditório? Se o texto é aceite, ele merece aplausos. De igual modo, se ele não é aceite, ele é contestado ou mesmo punido, de acordo com os códigos da comunidade a que pertence ou onde ele escolhe proferir o provérbio.

Nesta perspectiva, o enunciador do texto, ao abrigo de saberes antigos, impõe-se através de estratégias que selecciona e coordena à sua maneira, sugerindo saberes e atitudes, individualmente, perante interlocutor(es). No momento da enunciação, ele assume o texto: as palavras, os símbolos, ao mesmo tempo que

sugere possibilidades de leitura, de recepção. Assumindo ou apropriando-se do texto, não assumirá ele a “autoria” do mesmo? Ele escolhe o uso de símbolos antigos como azagaia ou flecha ou novos como “supado” (espada); “cobra” ou “xitimela” (comboio, retirado de um provérbio Tsonga), “viao” (avião, também retirado de um provérbio Tsonga), assumido as consequências, isto é, leituras que sugere, dentro de um determinado contexto.

Através do processo transmissão/ recepção/ transmissão que constrói o elo de continuidade realiza-se a 'entrega; do texto que é simultaneamente apropriado por quem o recebe. O autor, se podemos assim designá-lo, “morre”, legando o provérbio a quem, posteriormente o assume e dele se apropria e o “(re) entrega” a novos interlocutores que, a seu modo o actualizarão, assumindo as responsabilidades perante novos contextos.

Este “autor” morre, na medida em que aquele mesmo texto deixa de ser da sua autoria para passar a ser da responsabilidade de quem o assumir e dele se apropriar.

Bibliografia

- JUNOD, Henri Philippe (1978) *Vutlhari bya Vatsonga (Machangana) / The Wisdom of the Tsonga-Shangana People*, 3rd Edition, Braamfontein: Sasavona Books.
- RIBEIRO, Padre Armando (1989) *601 Provérbios Changanas*, 2a Edição, Lisboa: Silvas.
- ARORA, Shirley (1995) “The Perception of Proverbiality” in *De Proverbio* www.Deproverbio.com (3.12.2004)
- ASANTE, Molefi Kele & ABARY, Abu S. (1996). *African Intellectual Heritage – A Book of Sources*. Philadelphia: Temple University Press.
- BOURDILLON, M.F.C. (1993) *Where Are the Ancestors: Changing Culture in Zimbabwe*. Harare: University of Zimbabwe Publications Press.
- CALVET, Louis-Jean (1984) *La Tradition Orale*, Paris : Press Universitarire de France.
- COSTA, Edil Silva (1993). “Tradição: a Criação Colectiva” in *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 9, Lisboa: ICALP.
- DREWAL, Margaret (1992) *Yoruba Ritual: Performers, Play, Agency*, Indiana: University Press.
- DUNDES, Alan (1975), “On the Structure of the Proverb,” *Proverbium* 25, <http://www>

- deproverbio.com (17/01/2005).
- FINNEGAN, Ruth (1992). *Oral Literature and Verbal Arts – a Guide to Research Practices*, New York: Routledge.
- FINNEGAN, Ruth (1970). *Oral Literature in Africa*, 1st ed., Oxford: the Clarendon Press.
- FINNEGAN, Ruth (1992). *Oral Poetry: Its Nature, Significance and Social Context*, 2nd Ed. , Bloomington: Indiana University Press.
- GRZYBEK, Peter (1995). “Foundation of Semiotic Proverb Study” in. [www. DeProverbio.com](http://www.DeProverbio.com) (11.11.03)
- GUSDORF, Georges (1990) “Les Modèles Épistémologiques Dans Les Sciences Humaines” in Bulletin de Psychologie, Tome XLIII, no 397, Paris (pp 858-868)
- HANS-MANFRED “Proverb – antiproverb Wolfgang Meider’s paremiological approach” in Western Folklore, Winter 1999 www.findarticles.com (5.12.2006)
- HOUIS, Maurice (1971). *L’Anthropologie Linguistique de l’Afrique Noir*, Paris : PUF.
- HYMES, D., “The Ethnography of Speaking”, pp.13-53 in Gladwin, T. & Sturtevant, W.C. (eds.), *Anthropology and Human Behavior*, The Anthropology Society of Washington, (Washington), 1962.
- KLEIBER, G. (1988), “Sur La définition du proverbe” texte présenté au Colloque International de Phraséologie Contrastive, EUROPHRAS (Klingenthal-Strasbourg, 12-15, Mai.
- KWESI, Yankah (1995) “Power and the circuit of formal talk” in *Power, Marginality and African Oral Literature*, Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- LACAZ-RUIZ, Rogério (2007) “O Referencial Comum dos Provérbios e a Personalidade Humana” www.usp.br (5/07/2007)
- LOPES, Ana Cristina Macário (1992) *O Texto Proverbial Português: Elementos para uma Análise Semântica e Pragmática*, Tese de doutoramento: Coimbra.
- LYONS. John (1977) *Semantics*, 2 vols., Cambridge University Press, Cambridge.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].
- MANJATE, Teresa (2000) *O Simbolismo no Contexto Proverbial Tsonga e Macua-Lómwè*, Promédia, Maputo
- MARTINS, Moisés de Lemos “O Regime das Representações” in *Cadernos do Noroeste*, 1991, Minho, 14: 177-192.
- MAZRUI, A.A. (1986) *Africa’s Triple Heritage*, in ASANTE, Molefi Kele & ABARY, Abu S. (1996) *African Intellectual Heritage – A Book of Sources*, Temple University Press, Philadelphia
- MEIDER, Wolfgang (1999) “Popular View of the Proverb” in DeProverbio.com, [www. DeProverbio.com](http://www.DeProverbio.com) (10.09.03)

- MEIDER, Wolfgang (1995) "Proverbial Manipulation in Adolf Hitler Mein Kampf" in www.DeProverbio.com (8/10/2006)
- MILLER, J "The Dynamics of Oral Tradition in Africa" in *Fonti Orali – Oral Sources – Sources Orales* (1978) Franco Angeli editore, Milano (pp 75-102).
- MILNER, G.B. "What's a Proverb" in *New Society*, 332, 1969, (199-202).
- MLAMA, Penina (1995), "Oral art and contemporary cultural nationalism" in *Power, Marginality and African Oral Literature*, Witwatersrand University Press, Johannesburg.
- MUDIMBE, V.Y. (1988) *The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy, and the order of knowledge*, Indiana University Press, Bloomington and Indianapolis.
- NORRICK, Neal (1985) *How Proverbs Mean: Semantic Studies in English Proverbs*, Mouton, Amsterdam.
- NTSANWISI, H.W.E. (1968) *Tsonga Idioms (A descriptive Study)*, Braamfontein: Sasavona Publishers and Booksellers.
- OJO, Arewa E. and Alan DUNDES. 1964. "Proverbs and the Ethnography of Speaking Folklore". *American Anthropologist*, 66(6) pt. 2(1964) pp. 70-85. www.DeProverbio.com
- OKPEWHO, Isidore (1990), *The Oral Performance in Africa*, Ibadan: Spectrum Books Limited.
- PERMIAKOV, Grigory (1974) "On Paremiological Homonymy and Synonymy" in www.DePoverbium.com Vol 3, no 2, 1997(12.04.2006).
- SAPIR Edward (2003) *Language: An Introduction to the Study of Speech*, Project Gutenberg Literary Archive Foundation.
- SHERZER, Joel (2002). "Speech Play and Verbal Art" www.utexas.edu
- SULUNKI, L.O. & MIRUKA, S.O. (1990) *A Dictionary of Oral Literature*, Heinemann Kenya Lda., Nairobi.
- TAYLOR, Archer (1985) *The Proverb (and An Index to "The Proverb")* ed. Peter Lang, New York.
- TAYLOR, Archer (1996). "Problems in the Study of Proverbs", Reprinted from W. Meider (ed.) *Selected Writings by Archer Taylor*, Suomalainen Tiedeakatemia, Helsinki, 1975, in www.DeProverbio.com (10.09.03).
- VANSINA, J. (1978) "Oral Tradition, Oral History: Achievements and Perspectives" in *Fonti Orali – Oral Sources – Sources Orales*, Franco Angeli editore, Milano (pp 59-74).
- ZUMTHOR, Paul (1983) *Introduction à La Poésie Orale*, Paris: SEUIL.